

ESTUDOS REGIONAIS

Os Altiplanos de São Francisco de Paula

Ir. JUVÉNCIO

Prof. Ass. de Geogr. Física na PUC

A nota prévia que segue trata de uma viagem reconhecimento feita ao Taimbêzinho. Podemos dividir o percurso em três etapas bem distintas:

1. **A depressão periférica**, de Porto Alegre até S. Cristina no passo do rio dos Sinos. A estrada passa por vale sedimentar complexo ao longo dos morros testemunhos capeados pelo arenito da série Botucatú. Os terraços fluviais e estruturais se ameudam em todo percurso. A altimetria não sofre grandes alterações. É a região por excelência, da pequena propriedade. Terrenos areno-argilosos.

2. **A região dos cérros**, de S. Cristina, na proximidade de Taquara, até S. Francisco de Paula. Zona altamente ondulada, com predomínio dos vales dissecados. Os cérros se estendem em faixas direcionais, NO-SE, múltiplas. Oferecem níveis erosivos em planos diversos, sendo mais comuns os de dois patamares. Por vezes se encaixam em colos para dar passagem à drenagem consequente e à estrada que coleia ao longo do encosto dos peraus. É a zona da policultura com tendência à autosuficiência. A degradação da mata está em avanço. Capoeirões substituem as matas primárias desde o sopé ao cimo. Predomina a rotação de terras. As plantações que sobem os aclives pedregosos apresentam um aspecto raquítico, os horizontes dos solos se acham degradados e o cascalheiro que aflora já tomou conta do cenário. A erosão nestas declividades enormes lava os mantos de solo mais fértil e os arrasta para o fundo dos vales. Aqui reina maior exuberância. Os aluviões depositados em camadas espessas em misturas heterogêneas quanto aos teores qualitativos e originários imprimem, incontestavelmente, uma elevada fereza a estes vales fartamente irrigados. Os basaltos decompostos pela ação milenar, conjugada das enxurradas pluviais e fluviais foram os causadores desta diferenciação de solo mais rico das baixadas.

Podemos assinalar aqui três ciclos distintos de formação da zona dos cérros: a) **A zona de contato**. Os pequenos morros residuais do fundo vale da depressão periférica faziam parte,

provavelmente, do planalto em tempos mais recuados. b) **Os cérros médios**, em que predominam as altitudes de 350 a 500 m. Os patamares intermédios de níveis diversos podem ter sido ocasionados pelas erosões diferenciais. Além do mais podemos encontrar ainda como causas os pacotes de derrames lávicos que em etapas se difundiram sobre o planalto meridional. c) **Os cérros mais elevados de 700 a 900 m**, nivelando-se com o rebordo do planalto. Seus festonamentos são mais abrutos que os anteriores. 3. **De S. Francisco de Paula** até o Taimbêzinho. Passado o trecho de cérros destaca-se no bordo do planalto, sem grande simetria, a cidadezinha de S. Francisco de Paula. Situa-se num recanto ocupado outrora pela mata de araucária, hoje em franco recuo. Devia ter sido nos primórdios da ocupação humana um grande núcleo de pinhal extensivo. A Cooperativa Madeirense com seus grandes depósitos nos dão uma bela amostra do que tem sido a ação inexorável do machado destruidor da cobertura florística. A característica predominante das habitações de madeira traduzem o acondicionamento humano à mesologia. Os alicerces das habitações primitivas são de pedra, ao passo que a parte superior nos assinala o uso da madeira.

Do núcleo do povoado até o Taimbêzinho num trajeto de 70 Km não se nota uma grande variação altimétrica. Da casa dos 905 m, ponto geodésico da cidade, passa-se a 1000 m na proximidade de Azulega. Observam-se alguns fatos dignos de registro. A ondulação planáltina é constante. As coxilhas se reduzem. Tem-se a impressão de um rebordo de planalto em fase juvenil de erosão. Coxilhas de 200 a 500 m de extensão seguidos de amplos vales com a diferença da crista para a depressão de 5 a 15 m no máximo. Aqui, como na região do Planalto Rio-grandense, em geral, podemos dizer serem estas depressões a região dos lajeados horizontais sobre os quais a drenagem dos rios se espraia amplamente em correlação com a quantidade de água drenada. Estes compartimentos sedimentares do planalto nos apresentam uma drenagem consequente, a princípio com direção E-O

nas cabeceiras, para alguns Km mais distantes passarem, após uma curva de mais de 90 graus, a subsequentes. As cabeceiras são quase imperceptíveis. Nascem no reverso da escarpa de falha basáltica e acompanham inicialmente a inclinação para o oeste para mais tarde cortar a inclinação do planalto em sentido do oriente. Os pacotes de afloramentos basálticos são numerosos. Os horizontes de decomposição da rocha matriz são escassos. Os cascalheiros se espalham pelas coxilhas em grande abundância. Muitos fazendeiros, em épocas idas, utilizaram-nas em taipas para divisa das herdades.

Reina a pecuária extensiva. O povoamento bovino por hectare é muito reduzido. Dominam as raças de crua. Os pastos parecem ser excelentes. Não há vestígio do barba de bode. A cobertura vegetal campestre se restringe aos vales e cabeceiras deprimidas, raras vezes ocupando os interflúvios mais elevados. Esta cobertura de galeria parece estar em fase regressiva em alguns pontos, sob o império morfoclimático. Este fato assinalamos pela grande quantidade de pinheiros mortos enfezados e raquíticos, completamente vencidos por um musgo amarelado que reveste o tronco das árvores. Contudo, em casos mais gerais, a mata do planalto se encontra em expansão. Nunca chegou a ocupar todo o Rio Grande do Sul, conforme afirmativa de Lindman, Pe. Rambo e Schimper. As matas primárias, em geral, cedem lugar aos capoeirões, como se vê no planalto.

De Azulega em diante a altimetria desce até 850 m. Vastos pinhais recobrem o horizonte e inopinadamente a estrada para em frente da vasta fenda do Taimbezinho, cortando o planalto em dois por aqueles paredões metálicos co-

lunares. A beirada oposta está coberta por matas campestres de que sobressaem os esguios troncos dos pinheiros. A fenda se estende de SO a NE. Os bordos superiores deste imenso canyon se distanciam heterogêneamente na base de 200 a 500 m. De três recantos da fenda se precipitam tênues filetes de água que no fundo se conjugam para constituir o arroio Perdizes, afluente do Mampituba. Os beira-ais do fundo do vale são ocupados por uma vegetação rasteira. A imensa mole de uns 500 m de espessura está dividida em dois pacotes de idades aproximadas. O encontro entre os pacotes apresenta uma chanfradura superior e um entalhamento no embasamento. Crescem neste ponto tufo vegetativos.

Qual a origem desta fenda? Hipóteses diversas podem ser aventadas. Seria, talvez, o relito de um dique cujo material mole foi lavado pela erosão? Ou uma fenda tectônica? Ou uma simples fenda com afastamento dos rebordos superiores? Deixemos o futuro responder.

Concluindo nossas considerações sobre o planalto nordeste do Rio Grande do Sul, notamos que as plataformas interfluviais tabuliformes constituem um verdadeiro mar de coxilhas diminutas bem diversas das demais zonas do Estado. A drenagem superficial, escorrendo sobre um leito horizontal de lajeados basálticos nos assinala ser uma das formações mais novas de nosso Estado. A erosão está apenas na fase juvenil. Os solos turfosos pretos nos acenam uma mudança climática em período recente.

Alguns destes solos de espigões mais suaves já se prestam a plantações pioneiras de trigo. Tal fato implica no início de uma fase de mudança econômica de máxima importância para esta região do Estado.

Um dos sentimentos mais nobres e humanos é o amor à terra que nos viu nascer. Amalá-la-emos na medida dos conhecimentos que dela tivermos quanto ao seu povo, sua história, sua geografia física e humana, suas riquezas geológicas, petrográficas, zoológicas, botânicas, seu clima, seu comércio, sua indústria, o lugar que ocupa dentro da grande pátria e esta no imenso concerto das Nações.

P. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

Prefácio da obra "A FISIONOMIA DO R. G. S."
de autoria do P. Balduíno Rambo, S. J.